Leitor crítico — 8º e 9º anos

VEREDAS

MARIO QUINTANA

Nariz de vidro

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Rosane Pamplona

MODERNA

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?[1]

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: "trouxeste a chave?".

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente… Traiçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras.*

"Decifra-me ou te devoro."

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo…

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

> *Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (…) E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".*[2]

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano…

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

[1] In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.
[2] *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.
Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

✦ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

✦ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

✦ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

✦ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- do mesmo autor;
- sobre o mesmo assunto e gênero;
- leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

VEREDAS

MARIO QUINTANA

Nariz de vidro

Leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Mario Miranda Quintana nasceu em Alegrete, cidade do Rio Grande do Sul, no dia 30 de julho de 1906. Um vento muito frio que soprava na cidade deu boas-vindas ao menino que teimou em nascer antes do tempo. Até 1917, ficou em Alegrete, onde trabalhou na farmácia da família e completou seus estudos primários. Dois anos mais tarde, foi para o Colégio Militar de Porto Alegre, em regime de internato. Ali começaram suas primeiras produções literárias. Em 1925, entrou no setor de literatura estrangeira da Livraria do Globo, na época, uma das mais ativas editoras do país. Em 1929, começou a escrever no diário gaúcho *O Estado do Rio Grande*. No ano seguinte, já estava publicando seus poemas na *Revista do Globo* e no jornal *Correio do Povo*.

A Revolução de 1930, liderada pelo político gaúcho Getúlio Vargas, entusiasmou o jovem Quintana, que foi para o Rio de Janeiro como voluntário do Sétimo Batalhão de Caçadores de Porto Alegre. Seis meses depois, regressou para a capital gaúcha, dedicando-se à tradução de clássicos franceses e ingleses, como Proust, Balzac, Voltaire, Maupassant, Virgínia Woolf e Charles Morgan.

O escritor morreu em 5 de maio de 1994, aos 88 anos. Entre suas obras destacam-se: *A Rua dos Cataventos* (1940), *Canções* (1945), *Sapato florido* (1947), poemas em prosa; *Espelho mágico* (1948), *O aprendiz de feiticeiro* (1950). Em 1962, reuniram-se suas obras em um único volume, sob o título *Poesias*. Outras obras: *Pé de pilão* (1968), *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *Nova antologia poética* (1982), *Batalhão das Letras* (1984).

RESENHA

A moça do arame, equilibrando a sombrinha, perturba o menino. Uma flor nasce, curiosa e ingênua. O idiota da aldeia tem *um surrão todo de penas cheio* e a aia despetala estrelas para embalar o sono do reizinho, enquanto *um anjo, todo molhado, soluça no seu flautim.*
Assim são estes poemas: *pássaros que chegam/ não se sabe de onde e pousam/ no livro que lês./ Quando fechas o livro, eles alçam voo/ como de um alçapão.* Pequenos *flashes* da natureza, uma cena do cotidiano, um relato de amor-criança, esses poemas encantam jovens e adultos. Muita delicadeza, lirismo e nostalgia são as marcas desta coletânea, que traz para a sala de aula um autor consagrado, que merece ser conhecido por todos os brasileiros. Temas como a amizade, o amor, o sentido da vida podem estimular o jovem a falar, por meio de textos poéticos, de suas ideias e sentimentos.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: poemas.
Palavras-chave: o sentido da vida, natureza, sentimentos.
Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes.
Temas transversais: ética, pluralidade cultural.
Público-alvo: leitor crítico – 8º e 9º anos do Ensino Fundamental.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

1. Converse um pouco com os alunos sobre o poeta Mario Quintana. Verifique se eles já leram alguns de seus poemas.
2. Converse a respeito do título do livro *Nariz de vidro.*
O nariz é símbolo de perspicácia e discernimento mais intuitivo que racional. Órgão do faro, denuncia simpatias e antipatias, orientando os desejos, as palavras, os movimentos. Mas o que pode um nariz de vidro? Como é afetado pela fragilidade da matéria?
3. Observe a capa do livro. Que relação há entre os elementos e poesia?

b) durante a leitura

1. Alerte os alunos de que, de vez em quando, vão esbarrar com alguma palavra bem rara, como *esbarronda, gavroche* ou *hastil*. Peça que procurem descobrir seu significado, primeiramente pelo contexto, depois com a ajuda do dicionário, se necessário.
2. Peça que anotem o tema tratado em cada poema.

c) depois da leitura

1. Os poemas *Canção da aia para o filho do rei* e *Canção de garoa* sugerem mesmo uma canção, pois trazem rimas e são escritos em redondilhas (versos de 7 sílabas), métrica preferida do nosso cancioneiro popular. Proponha que cantem um dos poemas, inventando uma melodia, ou usando uma já conhecida, como *Terezinha de Jesus* ou *Ciranda, cirandinha*.
2. O dr. Quejando (verifique se eles conhecem a palavra quejando), do poema *O mudo passeio do dr. Quejando*, parece ser um personagem bem estranho. Sugira que imaginem quem ele era, como era a sua vida, por que era assim mudo e simpatizava só com o urubu.
3. Na sequência, peça que imaginem quem era e como era uma das pessoas a quem o poeta dedica um de seus poemas, como a Maria Helena, por exemplo, que lhe pediu um poema romântico.
4. *Recordo ainda* e *O dia abriu seu para-sol bordado* são sonetos. Explique aos alunos o que é essa forma de composição poética. Apresente-lhes outros sonetos, como os de Vinicius de Moraes, a título de comparação e de ampliação de seu conhecimento do mundo da poesia.
5. Organize um concurso de declamação de poemas. Divida a classe em grupos e proponha que cada um crie uma maneira particular de declamar um poema ou mesmo uma série deles. Deixe-os à vontade para usar fantasias, músicas e outros recursos cênicos.
6. Outra sugestão é criar um painel artístico, misto de poesia e artes plásticas. Peça ajuda ao professor de Artes.

7. A vida e o processo de criação de um poeta é algo que pode interessar e estimular os alunos. Na coleção da Funarte, *Cinema de Poesia*, há o filme *Caramujo-flor*, sobre o poeta Manoel de Barros. Dirigido por Joel Pizzini, traz artistas bem conhecidos, como Ney Matogrosso, Almir Sater, Tetê Espíndola e Aracy Balabanian.

8. A partir do levantamento de palavras "estranhas" que fizeram no decorrer da leitura, proponha uma brincadeira: cada um deve procurar no dicionário uma palavra que considere absolutamente estranha. Copie todas as palavras na lousa, sem dizer o que significam. A tarefa é escrever um poema com elas. Obviamente, resultarão frases sem sentido, mas provavelmente sonoras e engraçadas. A ideia é trabalhar com o significante, ou seja, a palavra despida de seu significado.

9. Para o poeta, "bom, mesmo, são os adjetivos" (*De gramática e de linguagem*). E para os alunos? Pergunte-lhes que tipo de palavras ou que palavras, especificamente, preferem. Façam uma lista das palavras mais votadas.

DICAS DE LEITURA

do mesmo autor

A cor do invisível. São Paulo: Globo.
Melhores poemas de Mário Quintana, organização de Fausto Cunha. São Paulo: Global.
A vaca e o hipogrifo. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil.
Canções, Sapato Florido e A Rua dos Cataventos. Rio de Janeiro: Alfaguara Brasil.

sobre o mesmo gênero

Flor de poemas, de Cecília Meireles. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Viva a poesia viva, de Ulisses Tavares. São Paulo: Saraiva.
Antologia Poética, de Vinícius de Moraes. São Paulo: Companhia das Letras.
Poesia Completa, de Manoel de Barros. São Paulo: Leya Brasil.
Antologia poética, de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
Seleta em prosa e verso, de Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record.